

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

<p>Toda a correspondência deve ser dirigida á</p> <p style="text-align: center;"><i>Redacção e administração</i></p> <p>PADRE BENEVENUTO DE SOUZA</p> <p style="text-align: center;">Outeiro—Torres Novas</p>	<p style="text-align: center;">PREÇO DA ASSIGNATURA</p> <p style="text-align: center;">(PAGA ADIANTADA)</p> <p>Assignantes ordinarios (por anno) 300</p> <p>Assignantes protectores " 500</p> <p style="text-align: center;">Numero avulso 10 reis</p>	<p style="text-align: center;">EDITOR RESPONSÁVEL</p> <p style="text-align: center;">ANTONIO PACHECO</p> <p style="text-align: center;"><i>Typographia de José F. da Fonseca</i></p> <p style="text-align: center;">Rua da Picaria, 74</p>
---	--	---



O espectáculo annunciado para o dia 15 de setembro com as comedias n'um acto:

As fagard-Ices do Peg-onymo de Vaz-com-sellos;
As tribulações do Joaquim d'Ara-cujo na herança do Esteves Arroio;
O cacarjado envenenamento da filha da mãe pelo Motta e pela mãe da filha;
As bernardices do Hint-Ze na sua visita aos hospitaes;
A mão baixa nos bens nacionaes no arsenal de marinha;
O Bombarda a escoucear Deus no congresso tuberculoso viannense;
 Etc., etc., etc.

não pode hoje realizar-se em consequencia do actor *Nós* ter sido atacado subitamente d'uma vergonhite por tanta desvergonhaça, que o obriga a ir tomar banhos de mar durante 15 dias para o pôr no estado de limpeza necessaria para continuar a representar em publico. O atestado medico, passado pelo Dr. Sem-Brio nem Dignidade, muito conhecido e apreciado do respeitavel publico, está no *guichet* do theatro para poder ser visto por quem duvide da veracidade da doença do distincto e infortunado actor.

Os bilhetes comprados para o espectáculo d'hoje dão entrada no espectáculo que se representará no dia 1 d'outubro.

Em attenção á benevolencia com que

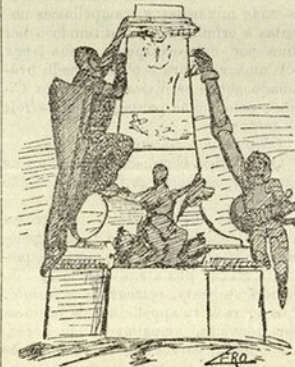
o publico tem recebido o *Theatro do Petardo*, o empresario, o nosso incomparavel amigo *Bene-Venuto*, resolveu diminuir o preço dos bilhetes, custando d'ora avante cada entrada, em vez de 10 reis, 20 reis por caveira. E' aproveitavel esta improrogavel occasião!

N.ºs.

Transferecia justa

Pela proxima ordem do exercito, vae ser transferido de Guimarães para o Porto o senhor rei Dom Affonso Henriques, afim de occupar o logar que aqui exerce o infante Dom Henrique. Este cavalheiro, ao que nos consta, será promovido no pedestal do antigo rei.

Applaudimos esta transferecia, porque d'ella resulta a melhor e mais razoavel collocação dos supracitados personagens.



A titulo de curiosidade transcrevemos a carta que o rei Dom Affonso dirigiu ao nobre titular da pasta da guerra:

Meu caro Pimentel da Pera Pinto. Eu, El-rei, envio-te muito saudar, como aquella a quem venero, respeito e amo.

Amigo: Escrevo-te estas duas regras para te fazer sentir que não estou satisfeito com esta posição em que me colloca-ram.

Emquanto tu, de simples cabo de esquadra, avezas hoje os galões de ge-

neral, e outros amigos teus occupam elevadas e rendosas posições, eu, que tantos serviços fiz e tantas glorias alcancei, consegui apenas que me tirassem do *berço* e me collocassem n'um mesquinho pedestal que mais parece ser jazigo funerario do que o monumento de um heroe, como eu sou.

Quando comparo a minha sorte com a de alguns dos meus descendentes, ás vezes até choro!

Vê tu aquelle meu neto o infante Dom Henrique, que passou os melhores dias da existencia a pescar atum nas costas do Algarve; ah! o tens alçapremado em soberbo monumento, elle, um pygmeu e simples infante, cuja estatua mal se enxerga cá de baixo.

E en, que tomei Lisboa e Santarem, que fiz as batalhas d'Ouirque, de Ceneja e do Val do Vez, estou aqui encurrulado no Largo de S. Francisco, sobre uma mesquinha penha, como um menino Jesus de pataco!

Suprema ironia da sorte!

Ora tu, que tens de humano o gesto e o peito, tu que és um heroe como foram os meus bravos capitães Gonçalo Mendes da Maia, Gualdino Paes e Paio Guterres, tu que fizeste a batalha de Trajouce e as campanhas de Vizeu, bem podes avaliar a magua que me apoquentea e a amargura que me rala.

Supplico-te pois melhoria de posição.

No meu tempo não precisaria de recorrer a ti porque era eu que reinava e governava; porém agora quem reina é o meu neto, mas quem governa és tu.

Digna-te pois attender o meu pedido E receberás mercê.

Guimarães, 3 de setembro do anno que vae correndo.

Dom Affonso Henriques.

Está conforme o original.

Thomé Thomaz.

Exames

Não ha peor enfermidade do que a surdez — e a má imprensa, segundo a opinião do nosso *Sagittario*. O outro dia fomos fazer exame, porque, n'este tempo de raposas gerases, seria uma verdadeira catastrophe se não fosse-

bacharel independente com porta para a escada.

Ora no dito exame em que se apanham as supraditas raposas tivemos a dita de contemplar os effeitos da surdez—vin-te-trinta sobre os raposados em particular e sobre a alegria das familias em geral.

O lente... de ver ao longe — um respeitavel careca de longas barbas, que por signal as usava rapadas e tinha uma respeitavel ganforina—chamou á lição um curioso surdo de nome Appario, dotado do espirito de economia elevada a um tal grau que, para poupar, até usava cartões de visita com esta notavel redução:

Ap } paricio
 } prendiz de instrução primaria

O binocolo, isto é, o lente berrou-lhe aos ouvidos:

—Vamos a chimica! Diga o que sabe sobre decomposição.

—Napoleão?! Era um famoso general que...

—Não se trata d'isso.

—O chourico é um alimento substancial de primeira ordem...

—Não diga asneira...

—De primeira, sim senhor. E a prova...

—Basta!

—Se não gasta, é que não sabe o que é bom.

—Este burro mette dó!

—Burro como a avó, era o famoso imperador que...

—Está approvado!

—Estou *chumbado!*

Cae nos braços da familia. Ha tremulos na orchestra. A Fifi desata a chorar; o papá grita:

—Tratemos d'outra cousa.

—Apanhei uma raposa!

Desmaio geral. Cae o panno. Ha varias manifestações de bôlha entre os espectadores. Uma é a que aqui se re-produz.

Sylvio.

Serviço da direcção

E' absolutamente indispensavel que os pedidos sejam acompanhados d'uma das cintas colladas n' *O Petardo*. A falta d'esta condição importa a falta de resposta.

Historia contemporanea

Carta do Don'Anna ao Hint-Ze

Tio e amigo — Já estou de volta. Não pude falar com o Combes, que, á data da minha partida, ainda não tinha chegado a Cauterets. Que o leve o mico! Creia o tio que o Combes é homem ao mar: dizem-o nas gazetas. Para outubro espera-se que abandone o partido, por lhe não ser possível sustentar-se com as côrtes a funcionar. Com um homem assim bom é não termos relações pegadas. Portanto, que a humanidade o veja ir com as perninhas a bulir...

Em Cauterets, nas frequentes viagens que em americano fiz ás geleiras, d'onde se gosa um panorama soberbo, tive occasião de travar cavaqueira com homens notáveis da França, que alli foram tratar da saúde. As opiniões sobre a questão religiosa variam: dizem uns que a jesuitada leva agora um tombo medonho com a tezura do Combes; afirmam outros que, ao contrario, os jesuitas ganham terreno, e têm hoje a seu lado homens que ainda há pouco eram indifferentes em religião e alguns até que os combatiam, porque os não conheciam bem. E citam nomes de pessoas notáveis, que agora são defensoras das Irmãs e da liberdade.

Quanto mais penso n'estas coisas, tio e amigo, mais burro me sinto. O natural e logico era que, congregados os esforços de muitos para combater uma ideia e uma instituição, essa instituição e essa ideia, se não desapparecessem, perdessem muito e ficassem com tal queixa de peito que d'ahi á covã não medeasse mais que um passo.

Pois, caro tio, com os jesuitas e instituições analogas ou semelhantes, dá-se o caso contrario. Perseguidos, expulsos de suas casas, postos fóra da lei, impedidos d'ensinar, ainda quando se secularissem, em vez de desapparecerem, parece que se multiplicam como as cecejas e que ganham dia a dia mais proselytos.

Haviam-me dito que o seu fundador, Santo Ignacio, pedira para elles perseguição constante. Quando o soube, disse commigo e com ds meus botões que o santo precisava de concerto na caixa craneana. Pois, caro tio, estou em dizer que quem tinha juizo era o santo, e que nós não passamos d'umas leprosas cavalgadas.

Tenho meditado muito, e das minhas cogitações saquei esta conclusão: nós precisamos de combater o jesuitismo, mas não de cara a cara, como Ferrabrazes, dispostos a engulir o vivo, como fizeram o Waldeck e o Combes. Manha e mais manha é o que se torna mister pôr em praticos. Primeiro que tudo é necessario fazer que o povo os odeie. Aquillo de matar creanças para fazer oleo que cura molestias secretas não pegou, porque era muito descabellado.

Sabe de que agora me lembrei, meu querido tio? De propalar que foram elles os introductores da tuberculose em Portugal.

Não se ria e siga passo a passo o meu raciocinio. O que é a tuberculose? Um microbio, segundo diz o Bombarda. Onde nasceu esse microbio? Não o diz a sciencia por bocca do Bombarda, mas podemos dizel-o nós: o bichinho nasceu na India. Continue a seguir o meu raciocinio com attenção, querido tio, e diga-me se eu não tive uma ideia genial.

Quem foi o grande apostolo das Indias? S. Francisco Xavier, jesuita. Ora, — attenção, tio, muita attenção! — S. Francisco Xavier enviou dentro d'uma conchinha do mar, tapada com folha de Flandres, doze microbios da tuberculose a Santo Ignacio de Loyola, que então estava em Roma a tratar da approvação dos estatutos da Companhia e a cuidar dos doentes nos hospitaes,

nas horas vagas. Santo Ignacio, apenas viu os bichinhos, exultou de contentamento. Todo o seu empenho era de doentes para tratar e estes escassejavam então, porque ainda se não havia descoberto o pão de serrim e kaolino, o azeite falsificado, o vinho a martello e a manteiga de margarina. De que se havia de lembrar o santo? De dar um microbio da tuberculose a cada um de doze jesuitas, enviar-os por esse mundo de Christo, e ordenar-lhes que, onde assentassem arraiaes, puzessem o microbio na engorda, propagassem a sua especie e o ministrassem no caldinho aos pobres. Foi assim que a tuberculose se espalhou no mundo, e foi assim que ella se introduziu em Portugal. Portanto, os jesuitas são os introductores da tuberculose entre nós. Fale com o Bombarda, tio, metta-lhe esta pulga no ouvido, e elle, que é anti-clerical dos quatro costados, servirá admiravelmente a nossa causa, fazendo um discurso scientifico em Vianna, no qual provará esta these: — que a tuberculose foi introduzida em Portugal pelos jesuitas, e o maleficio fim d'haver muitos doentes a quem elles pudessem fanatizar.

Tio, acredite que, se perde esta oportunidade para pregar uma pirraça aos jesuitas, difficilmente encontrará outra. Eu sou fertil em expedientes, mas a machina pode cançar. Lembre-se de que, quando faz vento, é que se molha á vela.

Abraça-o o seu
Don'Anna.

Carta do Hint-Ze ao Don'Anna

Sobrinho e amigo — Bem-vindo sejas a terras portuguezas, das quaes és honra e ornamento. Deus te conserve a saúde e a vida, porque a vida sem saúde é a peor espiga que a Natureza pade pregar a um ser vivente, quer seja da raça humana, quer das outras raças inferiores que povoam o universo. E' esta uma das muitas lições philosophicas que tirei das minhas profundas cogitações em Algés.

Vejo que continuas a preocupar-te com a questão religiosa. Olha que estragas as faculdades intellectivas com tanto cogitar. Dá treguas, por um momento, a esse teu portentoso cerebro. O ferro, com ser ferro, tambem se gasta. Vê uma locomotiva: é de ferro, aço e outros metaes. Apesar da sua dureza, gastam-se, cançam-se, inutilizam-se. Poupa-te, porque a vida são dois dias!

O meu conselho de tio e amigo é que deixes a questão religiosa em paz. Assim como está, está bem. Os decretos são uma espada de dois gumes: tanto cortam para a direita como para a esquerda. Deixa os homens por minha conta: cá estou para os fazer entrar na ordem, ou eu não fosse fundamentalmente intelligente.

Demais, estou convencido que não é a questão religiosa que me ha de levantar os meus creditos abatidos. Seria querer curar a ferida com o pello do mesmo cão, o que raras vezes succede. Agora de-me ao sport de visitar hospitaes e cavaquear com os medicos sobre assumptos scientificos. Isto dá-me força e torna admirado de toda a gente o meu profundo saber sobre os diversos ramos da sciencia humana. Já estive em Rilhafolles, onde dei sota e az a esse banana do Bombarda, nychiatria d'agua doce, que dá refeições eguaes a todos os internados. Não imaginas a figura que fiz, quando affirmei que isso estava em diametral opposição com as prescripções da sciencia, e a zanga com o que Bombarda me ficou quando o denunciei ao paiz como um asno. E ainda querias tu que eu o aproveitasse para a tal historia dos jesuitas e da tuberculose! Com esse gajo é necessario toda a cautela, porque se não sabe quando o temos pela frente ou pelas trazeiras. Além de

ser muito pesporrento, pois julga-se o primeiro homem de sciencia do nosso paiz, é maluco perigoso, porque, á sombra do seu diploma de medico, pode fazer todas as asneiras e sustentar as maiores necedades.

Adeus. Aparece á noite para tomar o chá e torradas e jogarmos uma partida de sueca a feijões, para darmos bom exemplo aos batotoiros de profissão.

Teu,
Hint-Ze.

Pela copia,
Gryce.



CARTAS

De Braga

ao Porto

Meu caro Porto.

Estou pasmado com o que ultimamente se tem passado no teu querido baluarte e calcido o muito que havorás soffrido com os desgostos que teem amargurado a tua já provecta idade. Coitado! O meu rico Porto, o cavalleiro arrojado e destemido, o cidadão prestimoso, o trabalhador indefesso, o patriota eximio, — exposto á irrisão, ao desprezo, aos insultos e vituperios de toda a gente, de todas as nações!

E tudo isto porque alguns de teus filhos, sem honra e sem pudor, creados á tua sombra e a quem tu apresentavas orgulhosos e convicto como cidadãos benemeritos, laboriosos e dignos, mancharam o brilho da tua armadura com as suas mixordias e trampolinices nojentas e criminosas, substituindo o teu elmo por uma carapuça, a tua lança por uma vassoura e o teu escudo brasonado aonde se divisam o *Invicta Civitas*, pelo lemma pantagruelico: — *Hoje ha tripas!*

Oh quantum mutatis ab illo!

Olha, filho: Ninguém as diga que as não ouça; ninguém as faça que as não pague.

Tambem tu, fazendo a vista grossa e côro ironico com esses teus degenerados filhos, trocavas dos meus pequenos e rias-te dos meus costumes, chamando-me beata, retrograda e *jasuito*. Pois agora és tu appellidado de falsificador convicto, empalmador de heranças gordas, *escroc* de companhias de seguros e de muitas outras coisas que até me envergonho de dizer em publico.

Queixa-te sómente de ti; da tolerancia com que desculpavas as tropelias d'esses teus filhos; do agrado que manifestavas com os seus excessos criminosos e do applauso que lhes dispensavas, quando elles, em nome da *liberdade*, offendiam e atropelavam os direitos dos outros, insultando sacerdotes e leigos, apunhando senhoras inoffensivas e benemeritas, apedrejando recolhimentos e casas particulares, estilhaçando vidros e tentando incendiar predios.

Ahi tens o resultado da tua imprudente tolerancia; é o fructo da semente que consentiste fosse lançada á terra e que deixaste crescer e sazonar sem preocupações nem receios.

Agora soffre esses amargos de bocca e tem paciencia. Eu ficarei sendo, como até aqui, a Roma Portugueza; tu o baluarte da liberdade e o coio dos falsificadores emeritos.

Sinto, porém, que n'este modo de apreciar o comportamento dos teus filhos, sejam n'elle incluídos alguns que conservam ainda no seu coração a pureza das creanças, a honestidade no trabalho, o amor á patria e são o exemplo vivo de todas as virtudes.

Presto a esses teus filhos a homenagem da minha consideração e louvor porque são dignos e benemeritos. Não os esquecerei nas minhas orações, nem te esquecerei a ti, meu velho amigo. Quando cá me enviarems outra excursão socialista, hei de mandar-te meia duzia de frigideiras das boas, das melhores, mas não retribuas por emquanto esta offerta; agradeço a tua boa vontade; mas qualquer cousa que me enviasses, teria de a mandar examinar no laboratorio com receio de que venha falsificada. Eu já não sou creança; e lá diz a sabedoria das nações: *cauella e caldos de gallinha nunca fizeram mal aos doentes*.

Se te dignares escrever-me, manda as tuas cartas abaixo de Braga, que me serão fielmente entregues.

A tua bôa e fiel amiga,
Braga.

Pela copia,
Thomé Thomaz.

Questão religiosa gorada

Entre os srs. presidente do conselho de ministros, governador civil de Braga e ministro da guerra trocaram-se, na semana passada, os seguintes telegrammas:

Governador civil Braga. — Acabo ler *Mundo* que 39 jesuitas francezes entraram noite residencia S. Barnabé. Diga quem autorisou entrada e que planos machiavelicos tramam. Consta-me Jacinto Candido e conde Bertianos andam por ahi conspirando. Traga-os d'olho, especialmente Jacinto. Estou ancioso noticias. Resposta immediata. — *Presidente conselho.*

Presidente conselho ministros. — Noticia *Mundo* falsa como Judas. Em Braga, jesuitas apenas quatro: visconde de Torre, conego Nunes, Carlos Pimentel e eu. Apontam-se tambem Mgr. Mariz, Conego Rodrigues e o vice-reitor, mas estes não chegam nossos calcanhares. Não foram jesuitas entrarem Braga: foram Padres portuguezes, alguns nossos correligionarios; vieram fazer exercicios Seminario. Soeague v. ex.ª: enquanto eu estiver Braga, jesuitas não põem pé no verde. Jacinto ainda se não atreveu entrar meus dominios. Andá conspirando dominios Wenceslau, sem ainda ter sido fusilado interinamente. — *Thomaz Vilhena.*

Governador civil Braga. — Agrade informações tranquillisadoras. Pimentel Pinto, lendo telegramma v. ex.ª, ficou furo. Protesta energicamente contra exercicios Braga, porque só elle tem autoridade para mandar fazel-os. Exige satisfação, lamentando que v. ex.ª, que dizia-se amigo d'elle e dava-lhe patares, o descondesiderasse. Desejo saber quem ordenou exercicios sem autorisção governo. Repugna-me acreditar fosse v. ex.ª, tão dedicado a mim e a Pimentel Pinto depois que abandonou Luciano de Castro por lhe não dar governo civil d'Evora. Vou mandar reunir conselho guerra para julgar questão. — *Presidente conselho.*

Presidente conselho ministros. — Lamento Pimentel Pinto esteja zangado commigo. Nada tenho com exercicios

Seminario. Responsabilidade inteira pertence Arcebispo, que os consentiu e ordenou. Se eu soubesse Pimentel Pinto zangava-se por não ser ouvido sobre exercicios, não teria consentido entrada clero no Seminario.—*Thomaz Vilhena.*

«Governador civil Braga.—Presidente conselho mostrou-me ultimo telegramma v. ex.^a. Não posso tolerar Arcebispo invada minhas attribuições. Vou enviar-lhe portaria censura. Diga v. ex.^a se coronel do 8 tomou parte exercicios, se v. ex.^a foi ouvido e quanto gastou em polvora secca. Desejo tambem saber quem fez planos combate. Urgencia.—*Pimentel Pinto.*»

«Pimentel Pinto, Lisboa.—Não comprehendendo telegramma v. ex.^a Coronel 8 não tem nada com exercicios Seminario, não consta houvesse dispendio polvora secca, nem fizeram-se planos combate. Arcebispo não é digno censura, porque não sabia v. ex.^a embirava exercicios clero. E' bom prudencia para não levantar outro conflicto religioso. Se v. ex.^a leva por deante portaria censura, peço mande para governador civil visconde Torre afim poder votar agua fervura. Eu não posso: Padres já não vão minha missa. Com perseguição só lucram Jacinto Candido e Bertandos. Peço diga isto Hintze.—*Thomaz Vilhena.*»

«Governador civil Braga.—V. ex.^a está-se tornando suspeito ao governo. Então Arcebispo não é culpado por ordenar exercicios militares clero? Se coronel 8 não tomou parte exercicios Seminario, quem commandou tropas? Visconde Torre não quer governo civil. Diz passa bem direcção geral ministerio ecclesiasticos e que logar governador está caracter v. ex.^a Catechise Padres. Governo não quer Jacinto ganhe terreno. Prometta e dê liberalmente á vontade ao clero amigo.—*Pimentel Pinto.*»

«Pimentel Pinto, Lisboa.—Ah! ah! ah! Desculpe rir-me honradas bochechas v. ex.^a. Tem havido *qui pro quo*. Exercicios clero não são exercicios com burros, espingardas e tiros. Por isso eu não comprehenderei referencia a polvora secca. Exercicios clero são sermões que Sant'Anna, o Cabrion do Bombarda, e outro companheiro, tem feito aos Padres reunidos Seminario. E' uma lavagem annual que Padres fazem suas consciencias. Não ha perigo para instituições nem v. ex.^a desce do seu pedestal de gloria de heroe de Trajouce, Vizeu e Cacilhas. Communique feliz nova ao Hintze. Diga visconde Torre que o seu baluarte continua inexpugnável. Com mais um jantastico, o clero é todo d'elle. Parabens a v. ex.^a pela solução satisfactoria de tão magna questão.—*Thomaz Vilhena.*»

«Governador civil Braga.—Aceito parabens. Agora comprehendendo tudo. Peço desculpa ter duvidado atilada intelligencia e provado zelo v. ex.^a. Não diga ministro marinha o que se passou. Não quero elle ria-se á minha custa. Quando v. ex.^a vier Lisboa, espero ir jantar com v. ex.^a.—*Pimentel Pinto.*»

Ora aqui está como, graças á perspicacia do sr. governador civil de Braga, se evitou que no paiz surgisse uma nova questão religiosa. E' mais um serviço que a Patria e a Igreja devem a tão illustre funcionario do Estado e a tão distincto catholico.

Nós.

O... tu que fumas: dá cá lume

—Ainda não ouviste dizer?

—Não sei o quê.

—Sempre vou contar-te que nem uma *jesuita* sequer vejo agora nos comboyos. Padres bem apresentados e ré-

filhos, é o que agora se encontra por esse mundo alem.

—Se me falas em refilões, eu ponho mais na carta: cahi na patetico de dizer nas barbas d'um clerigo bem posto: «morra o Jesuita!..» e... com cara de sem-ceremonia, pespega-me uma tremenda bofetada, reservando para depois explicações.



—Isso... respondia-se-lhe.

... Disse por fim com ares triumphaes, prevenindo para o que desse e viesse: «Saberá o cavalheiro que nem sempre é occasião de tolerar o insulto!»

Emquanto o diabo esfrega um olho, deu-me uma resposta e uma lição.

—E não protestaste?

—Estás doído. Não imaginas: antes de o insultar era um cordeiro; mas no peso da dos cinco mandamentos trazia depois um aviso terrível.

—Com que então não abres mais bico contra os *jesuitas*?

—Nem falar n'isso; tambem são homens d'acção...

Dente por dente.

Carta de Thomé Thomaz a Gryce

Meu caro Gryce.

Obrigado pela figura que mandaste estampar no *Petardo* de 1 do corrente, designando-a como a vera effigie do signatario d'esta carta, e tambem pelas amaveis referencias, que fizeste ao meu provado e decantado talento.

A verdade, porém, meu caro filho, é que nem uma nem outra cousa é verdadeira. Antes o fosse, que o proveito não seria meu somente, mas dos leitores do nosso *Petardo*.

Ai! Quem me dera possuir aquelle rosto marcial e distincto, aquelle olhar intelligente e perspicaz, aquelle nariz recto e bem lançado, aquelle bigode farto e cofiado e aquella ganforina lustrosa e abundante!

Mas, filho, olha que nem tudo o que luz é ouro; e a verdade é que o meu rosto está enlaidado de pés de gallinha; os olhos cada vez mais pequenos e o nariz cada dia maior. O bigode ostenta as cores do arco iris, desde o branco pardacento até á dauidosa cor de bahu. E a respeito de ganforina, está como uma vinha do Douro, dilacerada pelo philoxera da caspa e pela extracnose dos annos.

Que diabo! Tudo n'esta terra se falsifica, até o meu retrato! E se d'elle passo a examinar o palavriado com que o acompanhas, então é que a falsificação sobe de ponto.

Elle é o unico dos nossos larachistas;

Elle é o verdadeiro poeta;

Elle é o heroe das campanhas da liberdade;

Elle é o saboroso favo de mel.

E por aqui adiante até mandares por toda a gente de cocoras, afim de pedir ás benditas almas que nos livrem de diarrhea e de outras molestias semelhantes que affligem a humanidade.

Ora, meu querido Gryce, não é com

os seus. Bem sei o que tu queres, mas Lulu não sou de Braga nem me chamo Lourenço.

Queres ter a gloria de ver tambem estampada no *Petardo* a phisionomia das feições do semblante do rosto da tua cara, com um artigo laudatorio feito pelo velho Thomé Thomaz. E' isto verdade ou não? Dei ou não dei no vinte? Pois então vae ao Zero que te pinte.

E se a prosa mingua faz, cá tens o

Thomé Thomaz.



O macaco

Neste seculo o macaco

E' um grande figuraço;

E' o tao, tao, tao,

D'esta bola da nação.

E' medico e advogado;

E' artista e é patrio;

E' grão mestre jubilado;

E' ministro da nação.

E' jornalista afamado;

E' grande naturalista;

E' escriptor consummado;

E tambem é moralista.

Dá preleções nas cadeiras

Da nossa Universidade;

E faz de pobres coveiras

Fanaticos da maldade.

E' retrato não opaco

De muitissima senhora;

E de todo o padre fraço.

Quem dera que assim não fóra!

Ora, pois, ó macaquistas,

Bem sei que tenho razão,

Chamado-vos capuchistas

Do diabo que é mação.

Lulu.

Telegrammas

Lisboa, 14—7 h. t.

Horroroso incendio. Victimias maiorias habitantes cidade. Pouco ha quem preste socorro. Principaes homens—jornalistas, litteratos, politicos são os primeiros a suprar o fogo—*das paizões*. Não se sabe a quem pedir providencias.

Porto. Palacio, 14—6 h. t.

Ultima sessão congresso medicina concurridissima. Presentes summidades medicos nacionaes e estrangeiras. Discutido o ponto «*Hygiene das cidades*» todos depois acalorada discussão acordaram que anno passado, mais de metade dos obitos no Porto provenientes das mixordias dos mixordeiros.

Porto, 14, 5 h. t.

Enorme populaça, raivosa, assaltou estabelecimentos mais notaveis falsificadores. Estes refugiados no Governo Civil. Toda a cidade está na rua. Todos berram: «*Fora os mixordeiros!*»

Lisboa, 14—2 h. t.

Sau decreto *Diario Governo* fixando premio ao artista que melhor fabricar vinho pau campeche. No ministerio muitos pretendentes.

Braga, 14—11 h. m.

Governador civil d'esta cidade recebeu hoje diploma de insigne caçador. Vae receber cumprimentos dos mais habais e *liberas caçadores* de todo o paiz.

Algas, 14—4 h. n.

Ministro reino, grrrrende philanthropo, continua dar avultadas esmolos aos seus pobres.

Vizeu, 14—10 h. n.

Imperador Allemanha respondeu ao nosso heroe de Trajouce não poder emprestar o fardamento seus soldados. O heroe ordenou que os militares nas manobras de Vizeu se apresentassem de barretina, em ceroulas e sem botas.

Madrid, 13—5 h. t.

Affonso XIII não visitará Portugal. Hespanha receia ver o seu joven rei envenenado pelos mixordeiros.

Sagittario.

Echos tauromachicos

Continuam tresmalhados os touros que fugiram da praça do *Seculorio*.

Teem-lhe armado laços; mas elles, matreiros, não se deixam cair. Os amadores esperam vel-os juntos, qualquer dia, n'outra praça. Para presenciar este espectaculo, que será curioso, estão-se fazendo convites.

Será curioso e será perigoso...

Perguntámos hoje pelo rival do *Capriote*—o *Judicibus*, julgando que continuava nas pastagens do rico lavrador Graça, e afinal soubemos que o desgraçado parava no Instituto Veterinario em tratamento, por se aggravarem as feridas das garrochas que lhe pregaram nas ultimas corridas.

Sagittario.



Proposta de casamento

Saibam todos quantos virem

Este publico instrumento,

Que eu procuro casamento,

Pois ainda estou solteiro;

Saibam mais que não sou velho,

Nem mostroengo, nem cafrua:

Eu só pretendo uma burra...

Uma burra de dinheiro...

Num extremo de paixão

Eu lhe direi, face a face:

—Burra do meu coração,

Por ti aguento este enlace

Da burra a quem dou a mão.

Resposta em carta aberta ao «*Peidro Sem Viagem*», a cuidado do Sr. editor responsavel.

Um dente por tres

(Apologo trad. de hespanhol)

Um dente dentista sabio

Em Dona Ignéz collocou

E pôr paga lhe chupou

Tres mil reis com grato labio.

Depois de pagar, Ignéz

Disse á irma: «*Ai Sophia!*

Elle um dente me poria,

Mas d'esta arrancou-me tres.»

A's vezes dá menos tedio

A doença que o remedio.

As nossas effigies

Depois do *Sagittario* e do *Thomé Thomaz*, toca a *Ego* a honra de ser apresentado aos numerosos leitores do *Petardo*. Se nos foi difficil apresentar os retratos dos dois primeiros, porque ferraram os pés á parede e nem á mão de Deus Padre nos quiseram fornecer as suas photographias, pois a modestia assim o impunha (e, afinal, apparece-nos o *Thomé Thomaz* a dizer que o seu retrato não está perfeito, como se a culpa não fôra d'elle, e só d'elle, que nem nos deu a photographia, nem se dignou de *poser* em face da nossa machina photographica, obrigando-nos a fazer-lhe o retrato a olho!) mais difficil ainda nos é dar o de *Ego*, porque anda lá por essas terras de Christo a peregrinar, não nos fornecem o seu retrato, nem nos era possível apanhar-lhe os traços physionomicos, um pouco apagados na nossa memoria pelo longo espaço de tempo em que nos não avistamos.

Consequimos, porém, haver ás mãos uma photographia sua tirada ha annos na India, quando elle alli esteve em conviccia pegada com os ranes.

Eil-a:



Quem o não viu de turbante, longas barbas, ampla capa branca cobrindo-lhe os hombros, a saborear a sua cachimbada depois de ter tomado um banho de tina, difficilmente dirá que é elle,—elle, que hoje usa barba esca-nhosada, chapu molle d'abas largas, e em passeio, quando na invicta, no tempo de—mata que é cão damnado!—casaco comprido, um pouco a parecer-se á ecclesiastica.

Palavra que, ao contemplal-o assim, d'elhar cravado no chão, palpebras cerradas, n'uma indolencia d'hindu sob um sol de 40° á sombra, não eramos capazes de dizer que se encontrava alli um dos nossos melhores prosadores, um poeta de raça e um latinista que pode discutir primicias com Cicero. Pois estava e está! Tem talento para vender ás enastradas, e ainda fica com grande quantidade em *stock*, e sciencia que chega para distribuir ás mãos cheias a todos os bacharelórios da nossa universidade, embora o não pareça, porque não é homem para alardes.

Só mostra o que é, quando, no seu gabinete, conversa com a tinta e o papel, e tem a certeza de que o que produz vai correr mundo anonymamente.

E' grande, e passa, entre alguma gente, por pygmeu. Mordem-lhe nas canel-las, e elle, que com um pontapé podia arrancar os dentes a toda a canzoada, limita-se a sorrir e a acolher os hombros, pedindo a Deus que dê juizo a quem o não tem, e a balbuciar, como o Filho ao Pae no momento supremo:

«Perdoa-lhes, Senhor, que não sabem o que fazem!»

Ego amigo, não ponho mais na carta para que te não descubram e me não descubram.

Que escandalo, se as nossas individualidades chegassem a ser conhecidas do Zé!

Adensinho! E agora, como d'antes e como sempre!

Gryce.

Correio da casa

Zézinho — Zézinho é estudante, segundo diz, está em ferias, aborrece-se da vida airada que leva, e, não sabendo em que aproveitar o tempo, poetisa. Sentou-se á sombra d'um carvalho, sacou do papel e do lapis, imaginou que tinha na sua frente o seu amigo J. A. P., a quem dedica a poesia, puxou pela pedreirinha intellectual, chispuo, e, entre outras faiscas, saiu esta:

Não sei o que pensas
Nem que pensarás.
Que penas immensas
Que tu curtarás!

Tambem nós não sabemos, palavra d'honra, porque, se o submessem, dir-lhe-o-iamos. O que sabemos é que o J. A. P. não costuma curtir penas: o que elle curte, quando está em ferias, são azeitonas, para as vender ao quartilho. E tambem, lá de longe a longe, é capaz de curtir a sua camoeça, se é que a apanha.

Coloran — Lá irá, amigo. E Deus lhe dê saude para continuar a petardear.

Joanninha — Com esses tão lindos olhos, Joanninha, tens coragem de nos descompor? Parece impossivel! Pois n'uma Joanninha não se bate nem com uma flor. Serás atendida, Joanninha amiga. No proximo numero verás que as ruas descomposturas não cabiram em sacco toto. Havemos de captar-te as sympathias, e da tua linda bocca ainda hão de sair palavrinhas de louvor aos petardistas, em vez de raios e coriscos.

Ribeirão — Este sangra-se em saude. Manda-nos umas lerias sobre o conselheiro Teixeira de Sousa, farta-se de lhe chamar camello e horrego, e termina por nos dizer que, se não quizermos publicar as suas lerias, não publiquemos, mas não consente que no *Correio da Casa* lhe truqueamos a prosa e o mettamos a ridiculo. Deferido como requer, porque a prosa nem dois miseros e mesquinhos piparotes merece.

Zebra — O *Zebra* diz-nos abruptamente que

Não ha coisa de que eu mais goste
Do que, á sombra do pinheiral,
Gosar uma fresca sombrinha
E vér com os olhos o valle.

O *Zebra* não é sincero. Que elle goste da sombra no pinheiral quando o sol abraza, acreditamos, porque nós tambem gostamos; mas que elle se satisfizesse em ver com os olhos o valle, não eramos. Você, seu *Zebra*, gosta de o vér com os olhos e de o apalpar com a lingua, quando á verdejante hervilha levanta a grimpia como que a provocar o Infinito. Como que prazzer você se atira a ella para fortificar o estomago! Porque o não disse com a mesma franqueza com que confessou que gosta de vér com os olhos o valle? Olhe que não fica mal a ninguém confessar a sua predilecção pelo prato preferido. Demais, em questão de gostos não ha disputas, como o conselheiro Acacio, sem ser o nosso commissario de policia, o proclamou altamente.

Generosidade e desejo

O meu chapu de verão,
De palhinha negra-escurea;
Os botes de cordovão
Que mostram da meia a alvura;

O meu fato domingueiro,
Feito no *sastre* Vianna;
O torto do meu barbeiro,
Que é escanhoa d'uma canna;

O meu bom relógio d'oiro,
Que por fóra é de latão;
O meu lenço, um bom thesoirc,
Que vale bem um tostão;

A bolsa do meu tabaco,
Que da arte é um primor,
Pela qual dava um pataco
O Patrio armador;

A taça do chocolate
Por que dou o cavaquinho;
A minha veia de vate
E o pipão do meu bom vinho;

Do meu suino o choiropo,
A caixa do meu rapé;
Um bello dente postigo
Que me poz o Nazareth;

Um olho do *Sagittario*,
Que é pouco menos que cego;
O gran cachimbo lendario
Com que hoje figura o *Ego*;

Do T. Thomaz o bigode,
Um bigode nunca visto;
O Zero, feio qual hode,
Co'as suas barbas á Christo;

A minha constante telha
Que é de alto lá com ella;
A Maria, creada velha,
E a Kís, a minha cadella;

Tudo, tudo isto daria
Como presente ao diabo,
Se pudera dar no rabo
Dois apotes, cá dos meus,
Ao maluco do Bombarda
Com, em nome da sciencia,
Com estupida imprudencia
Blasphemou do nosso Deus.

Gryce.



Na tasca

Os batoteiros á banca,
O chá em vinho encharcado,
E a cantar cantigas torpes
Não chão um vulto estirado:
Alguns em roda se riam;
Que era aquillo, quiz saber,
Disseram-me que era um homem,
Disseram-me, e eu não quiz crer.



Aos nossos assignnantes

Na distribuição d'*O Petardo* tem havido irregularidades. D'ellas pedimos desculpa aos nossos assignnantes. A nossa inexperiencia por um lado, e por outro a grande affluencia de assignnaturas, com que não contavamos, emmaranhou-nos o serviço de tal modo que, apesar da nossa boa vontade, não podemos evitar queixas dos nossos assi-

gnantes. Agora está a escripta regularizada, os nomes dos assignnantes impressos e tudo em ordem. Pode ser que alguns cavalheiros recebam *O Petardo* em duplicado. A esses pedimos que nos reenviem para o — **Outeiro** — **Torres Novas** — um dos numeros duplicados com a declaracção de que recebem dois numeros.

O Petardo, tal como saiu, foi uma tentativa. Reconhecido agora que essa tentativa obteve exito, *O Petardo* vai ser reformado. Do proximo numero em diante apparecerá em excellente papel, com quatro paginas de caricaturas e outras quatro de prosa.

A empresa, que não tem intuitos lucrativos, e deseja manter-se n'um plano d'honradez intangivel, dará, como promettem, neste primeiro anno, *O Petardo* a 300 reis, por assignnatura, aos que já são assignnantes. Para o anno elevará o preço da assignnatura a 500 reis, porque lhe é impossivel dar oito paginas, sendo quatro de caricaturas, por 300 reis. Os assignnantes que vierem depois da publicação do presente numero pagarão 500 reis, porque para estes não haverá falta de lealdade, exigindo-se-lhes uma quantia que apenas dá para pagamento da impressão e da estampilha.

Do numero immediato em diante, *O Petardo* custará 20 reis, em vez de 10 reis, como até agora, preço porque se vendem os jornaes de caricaturas que se publicam no paiz.

Apesar de grande numero d'assignnaturas que temos, numero que nos permite assegurar que *O Petardo* é a publicação catholica de mais larga circulaçao no paiz, a receita não cobre a despeza. Não nos atemorisa isso, porque já temos recebido avultados doativos para as despezas d'*O Petardo* e esperamos continuar a recebelos.

Se a obra é de Deus, como supponmos, e nem com outro intuito nos entregariamos, todos os que n'*O Petardo* cooperamos, a um improbo trabalho sem outra recompensa que a do dever cumprido, ella ha de seguir seu caminho e prosperar.

Agora, mais que nunca, precisamos do apoio de todos,—assignnantes e colaboradores. Com elle contamos.

Expediente

E' nosso correspondente em Angra o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Padre José Maria do Nascimento.

Fazem-nos o mesmo favor que tambem agradecemos—na Ilha do Fayal—o joven sacerdote Antonio Ignacio da Silveira Salão; em *Calheta*—Ilha de S. Jorge—o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Padre José Jesuino d'Utra; e em Velas o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Padre José Silveira Goulães.

Charada derrabada

E' basofia
De farofia.—3
E' dinheiro,
Mas zoupeiro.—3
E' pé duro,
Mas seguro.—2
Anda á mão,
Mas pelo chão.—1

G.

Metagramma

(5 nomes, mudando só a primeira letra)

Fica do chão um tanto levantada.
Com pouco ampara o pé que muito estraga.
E' virgem portugueza celebrada.
Mansinha, mas enrufa-se agastada.
Lança fogo e tambem o fogo apaga.

S.

Quebra-cabeças

(Do numero anterior)

Decifração: — Ante-hontem, hontem, hoje, amanhã e depois de amanhã.